



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6833 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

PERCEPÇÕES DE JOVENS HOMENS ESTUDANTES SOBRE RITOS E PROVAS DE MASCULINIDADES

Neide Pinto dos Santos - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

Mirela Figueiredo Santos Iriart - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Ivan Faria - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

PERCEPÇÕES DE JOVENS HOMENS ESTUDANTES SOBRE RITOS E PROVAS DE MASCULINIDADES

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda sobre juventudes, masculinidades e educação e objetiva analisar as percepções de jovens homens estudantes sobre ritos e provas de masculinidades. Trata-se de um recorte de uma investigação sobre juventude e masculinidade em uma escola pública da cidade de Feira de Santana, Bahia. Este trabalho buscou investigar a produção de masculinidades entre os jovens, homens e mulheres, no cotidiano escolar, atravessados pelas suas singularidades, sociabilidades e processos de socialização.

O tema das masculinidades tem sido fomentado nos últimos anos por pesquisadores no âmbito acadêmico, o que constitui avanços significativos na produção de novos conhecimentos nos estudos de gênero. No entanto, ainda são poucos os trabalhos, especialmente na Bahia, que trazem a articulação entre masculinidades e juventudes no contexto educacional, trazendo a escola como *locus* importante para problematização das relações de gênero.

Neste estudo compreendemos as juventudes enquanto categoria sociológica, levando em consideração condições juvenis diversas, diferentes configurações identitárias e expressões culturais. Nesse estudo se faz pertinente pensar as relações de gênero de modo fluído e deslizante, bem como refletir sobre as interações entre masculinidades, culturas juvenis e contextos de socialização para podermos compreender como modelos de masculinidades têm sido negociados entre os/as jovens.

No campo dos estudos feministas, nos aproximamos dos estudos que abordam o conceito de gênero como uma categoria analítica e relacional (SCOTT, 2012; LOURO, 2014; CONNELL, 2013), sem desconsiderar toda a trajetória de luta pelos direitos da mulher e de

enfrentamento às “formas de silenciamento, submetimento e opressão das mulheres” (LOURO, 2014, p. 41).

Os jovens participantes desse estudo tinham entre 15 e 23 anos de idade e eram estudantes de uma escola que atende a um público diverso advindo de diferentes bairros da cidade, escolhida em função de algumas dificuldades em lidar com práticas discriminatórias contra estudantes homossexuais. As estratégias utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa com os jovens foram conversas informais, observação do cotidiano escolar, registros através do Diário de Campo, a aplicação de questionário socioeconômico, grupo de discussão com os jovens e entrevista narrativa.

Neste trabalho, destacarei falas de 4 jovens homens que foram entrevistados, buscando analisar os rituais e as provas de masculinidades vividas por eles nos diferentes contextos de socialização: família, religião e escola. Eles estão identificados por pseudônimos e foram selecionados a partir de autodeclaração, classificando-se como: homem afeminado; homem macho; homem homossexual, segundo as suas percepções com relação às identidades de gênero.

2 SOBRE GÊNERO E MASCULINIDADES

O presente estudo se aproxima de perspectivas teóricas pós-estruturalistas, que embasam os estudos contemporâneos sobre o tema, ao tensionar a lógica binária presente nos discursos e relações sociais de gênero. De acordo com Silva (2000), a perspectiva pós-estruturalista, busca “desconstruir os inúmeros binarismos de que é feito o conhecimento que constitui o currículo: masculino/feminino; heterossexual/homossexual; branco/negro; científico/não científico”. (SILVA, 2000 p. 124).

Para pensar o conceito de masculinidade nos apoiamos nos estudos de Connell e Messerschmidt (2013) que entendem a masculinidade hegemônica como um padrão de práticas que possibilita a dominação masculina e enfatizam que a masculinidade hegemônica se difere de outras masculinidades, especialmente das chamadas masculinidades subordinadas. Também nos baseamos nos estudos de Machado e Seffner, (2013) e de Joca (2016) que nos ajudam a refletir sobre novas configurações de gênero e sexualidade e sobre produções de masculinidades experimentadas por jovens e que tensionam suas formas hegemônicas.

A construção das masculinidades acontece nas interações sociais e culturais, atravessadas pelos múltiplos processos de socialização familiar, escolar, midiática e religiosa. Dessa forma, é importante refletir sobre como as questões de gênero são significadas pelos jovens homens e o quanto estas significações são negociadas por referências tecidas nos contextos familiar e religioso sobre o que é ser feminino e masculino, bem como sobre as experiências de preconceitos vivenciadas pelos jovens homens em relação às diferentes identidades sexuais e identidades de gênero.

Fomentar a discussão de gênero com os/as jovens, problematizando as relações que se estabelecem entre homens e mulheres, levando em consideração outros modelos de masculinidades não hegemônicas, é relevante tanto no campo da produção científica, quanto no campo das práticas escolares e nas relações sociais de forma geral, principalmente em tempos de negação das diferenças, tão evidente na atual conjuntura política e social.

Sobre os/as jovens enquanto sujeitos de pesquisa, Joca (2016) sinaliza que o “diverso” das práticas, experiências, identidades e identificações juvenis nos estudos das juventudes exige dos pesquisadores/as: “habilidades e sensibilidades que proporcionem tanto a inserção nesses espaços da vida juvenil, quanto no universo das situações vividas [...] no sentido de compreendê-los e interpretá-los”. (JOCA, 2016, p. 304). Dessa forma, constitui um desafio para a pesquisadora se aproximar dos/das jovens, respeitando suas dinâmicas, próprias de suas experiências juvenis.

Desse modo, o desafio metodológico de pesquisar com jovens, segundo Ferreira (2017) é que os mundos juvenis configuram, de fato, “laboratórios que desafiam constantemente as ciências sociais quer de um ponto de vista teórico, [...] quer de um ponto de vista metodológico”. (FERREIRA, 2017, p. 17). Tais elementos emergiram no processo de investigação para a construção de relações de confiança e atravessadas pela hierarquia na relação adulto-jovem, assim como na assimetria de gênero.

A seguir serão discutidas as diferentes configurações de masculinidade construídas na interação dos jovens com os contextos familiar, religioso e escolar, por meio dos rituais e provas, e na negociação entre os papéis sexuais e as identidades de gênero, que atravessam o corpo, as relações afetivas e as suas singularidades.

3 RITUAIS E PROVAS DE MASCULINIDADE

Os rituais de passagem que o adolescente enfrenta para tornar-se um homem adulto, embora em declínio ou difusos na sociedade contemporânea, como nos faz refletir Bourdieu (2002), ainda possuem força, criam constrangimentos e ditam os comportamentos do masculino entrelaçados às ideias da virilidade, força, coragem, sem questionar os efeitos destes processos nas vidas dos jovens homens.

Para ilustrar o modelo hegemônico de masculinidade associado aos ideais de virilidade e força, a fala do jovem Bruno, (**21 anos, hetero, protestante, homem macho**), sinaliza para construções sociais a respeito da adoção deste modelo de masculinidade. Quando perguntado ao jovem se ele considera que há diferenças entre ser homem e ser macho o jovem afirma que: “*ser homem é ter uma responsabilidade com a família e com os demais. E ser macho é só ser homem...ser do sexo masculino*”. E para exemplificar como o que seria ser macho ele diz: “*é andar como homem, falar como homem*”. Ao ser questionado sobre o que seria falar como homem, ele afirma: “*é falar grosso, falar forte, falar com autoridade*”.

A compreensão trazida por Bruno sobre o que é ser homem e os aspectos formativos que o constituíram corrobora com as reflexões tecidas por Marchi e Santos (2017) que afirmam que a virilidade entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social constitui uma carga e que os homens sofrem imposições para defender a qualquer custo seu papel social. (MARCHI, SANTOS, 2017).

Esta compreensão baseada na diferença e na desigualdade, como ressaltam os autores supracitados é explicitada na fala de Jeremias, (**21 anos, hétero, homem macho**). Ao ser questionado se há necessidade de provar que é homem diz o seguinte: “*Atitude... atitude já demonstra tudo...*”. E ao ser questionado sobre o que seria ‘ter atitude’, ele afirma que: “*ter atitude, é a maneira de você se comportar... o andar... o falar também... tudo muda por completo*”.

Na perspectiva da desconstrução das relações de gênero, o jovem Diego (**16 anos, hétero, evangélico, homem afeminado**), tem tensionado o modelo hegemônico de masculinidade ao problematizar padrões heteronormativos e heterossexuais, como podemos observar em sua fala ao ser questionado sobre o que ele considera serem as diferenças entre ser homem e ser macho: “*Ser macho: aquele cara que é totalmente machista que ainda tem aquele pensamento de século XIX, e ser homem é um gênero... você pode ser gay ou bi, continua sendo homem*”. A fala de Diego evidencia um rompimento com a lógica de um modelo de masculinidade determinado pelo viés biológico e legitimado nas relações sociais. Para ele, as relações de gênero não podem ser compreendidas como modelos únicos e deterministas, mas devem ser vistas na sua diversidade de experiências.

Diego afirma que os “*homens que se acham machos eles são bichos. Porque geralmente os homens que se auto intitulam como machos, geralmente eles são homofóbicos, machistas, gordofóbicos*”. O jovem demonstra familiaridade com a discussão sobre a construção social do ser macho, problematizando-a e evidenciando as implicações que a adoção desta postura traz para as relações de gênero, a exemplo da violência praticada contra as mulheres e homossexuais, o preconceito e a não aceitação das diferenças.

O jovem Tiago (**15 anos, evangélico, homem homossexual**) fala sobre o que pensa sobre ser macho e ressalta a cobrança como uma forma de regular o comportamento do homem: “*ser macho é mais o que povo pressiona. Ter voz de macho. Ter uma postura [...] jeito de ser mexer... [...] homem macho não se mexe. Quando é muito expressivo não tem característica de macho*”. A fala do jovem Tiago evidencia a exigência social para que homens adotem uma “postura de homem macho”, reforçando o ideal de uma masculinidade hegemônica.

Nas discussões sobre as produções das masculinidades, Machado e Seffner (2013) afirmam que as masculinidades subalternas, porque não reconhecidas socialmente, fogem ao padrão esperado e legitimado socialmente de ser homem, relacionado a características de virilidade, valentia, força, entre outros atributos do que se convencionou ser macho e não são reconhecidas como condutas normais. (MACHADO, SEFFNER, 2013, p. 357).

O jovem Guilherme (**17 anos, heterossexual, negro, homem afeminado**), relata sua experiência em relação à exigência social de provar sua masculinidade: “*na adolescência eu comecei a construir isso [provar que é homem] ficando com garotas. A primeira menina que eu fiquei eu tinha 12 anos*”. Guilherme ressaltou o estabelecimento da relação amorosa com uma mulher como marco importante para ser reconhecido como homem, o que leva a pensar sobre o porquê da necessidade da família ter a confirmação em relação à identidade de gênero e identidade sexual dos filhos e problematizar a naturalização dos papéis do homem dentro da família e da sociedade.

O jovem Guilherme explicita uma relação que se dá entre o afeto e o sofrimento. Em um primeiro momento da entrevista o jovem afirma: “*os meus melhores amigos, é minha mãe e meu pai*”. No entanto, em outro relato, Guilherme, afirma que o fato de ele ter um amigo gay, ocasionou um conflito em casa com os pais e ele precisou justificar que não tinha interesse em se relacionar afetivamente com o amigo. O jovem destaca a reação do pai: “*no dia que eu lhe pegar falando isso você não é mais meu filho. Ou eu vou preso ou você vai para o inferno*”. O jovem ainda relata que desde pequeno ouviu a mãe falar: “*nasceu homem e tem que morrer homem. Mas uma parte de você usa uma máscara, [...], se o homem decidir ser gay ele não vai deixar de ser homem*”.

Guilherme destaca como foi difícil lidar com os conflitos internos e as cobranças da família que exigiam dele, não somente a adoção de um modelo de masculinidade, mas que também provasse que não haveria chances de ele buscar ou desejar ser homem de outra

forma. “O que se observa é uma tendência à articulação e à negociação constante entre valores e referências institucionais diferenciados e as biografias dos sujeitos” (SETTON, 2005, p. 345), a exemplo do conflito entre ser homem a partir do marcador biológico e ser masculino a partir da perspectiva sociocultural, sinalizada na fala deste jovem.

O jovem relatou também como conseguiu lidar com as dúvidas e cobranças da família: “*Não foi muito difícil, porque desde os 12 anos eu já sabia do que eu gostava. Porque adolescente tem aquela dúvida de saber como é. Mas nunca fiquei [com homem]. Mas curiosidade eu ainda tenho*”. Mesmo com um relato que demonstra experiências de exclusão do jovem em razão de sua forma de existir fora do padrão de homem exigido pela família e pela sociedade, Guilherme afirma não ter tido dificuldades para superar os conflitos. No entanto, observa-se em seu relato que o jovem teve que enfrentá-los sozinho e sem poder dialogar sobre suas inquietações. Nota-se também, que ele opta por silenciar seus desejos e curiosidades para ser aceito no padrão socialmente imposto pela família.

É importante discutir que os sistemas que são construídos, naturalizados e legitimados socialmente para regular as relações de gênero, desconsideram as experiências juvenis e desconsideram as situações de violência a que estes jovens são submetidos para não traírem ou negarem o padrão que se convencionou do que é ser homem. Como ressalta Joca (2016), com relação aos códigos de masculinidades e de orientação sexual: “apesar de sua aparente irrelevância nas interações juvenis, estabelecem fronteiras onde os desejos e as práticas afetivo/sexual estão impostos à manutenção dos marcadores hegemônicos heteronormativos” (p.193).

Diego (**16 anos, hétero, evangélico, homem afeminado**), ao falar sobre situações por ele vivenciadas, nas quais se sentiu inadequado como homem, descreve o seguinte: “*eu sou um homem afeminado e desde pequeno eu sofri bulliyng na escola, dentro de casa, na igreja onde eu frequento [...]. Eu me sentia constrangido*”. A fala de Diego sobre a situação de constrangimento que viveu em razão de ser considerado homem afeminado corrobora com as discussões trazidas por Seffner (2016), quando ele afirma que: “a existência de um homem afeminado fornece o exemplo do que não se deve fazer, do que não se deve ser, daquela fronteira da qual devemos nos afastar” (p.179). A partir do relato de Diego é possível perceber como as relações de gênero aparecem no cotidiano escolar, mas, ainda de forma excludente e não problematizada. E, nesta perspectiva, a escola é convidada a compreender os/as jovens, considerando suas diferenças. (DAYRELL, 1996).

Quando os diferentes espaços de socialização dos/das jovens são analisados do ponto de vista das relações de gênero, nota-se que as instituições família e religião se colocam como referências centrais nesse processo de educação, por atuarem desde o início da vida e nos círculos mais afetivos, naturalizando códigos e condutas, mesmo reconhecendo o papel de outros espaços formativos.

Os/as jovens tecem sentidos e significados sobre identidades de gênero e sexuais diferentes das construções identitárias defendidas pelas famílias que se colocam como tradicionais. Tais reflexões evidenciam que os/as jovens pensam sobre preconceito e discriminação, com destaque para as diferentes inserções sociais, raça e orientação sexual, bem como problematizam a naturalização destes processos discriminatórios.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As juventudes tem se apropriado das discussões de gênero de forma diferente da geração passada e, em sua maioria, se colocam contrárias à defesa do retorno do conservadorismo. Tais processos de tensionamentos têm se mostrado de forma mais intensa entre jovens, pela própria condição de ser uma etapa de construção de identidades, de questionamentos de valores instituídos, etc.

A religião participa da formação dos/das jovens na defesa das relações de gênero fundamentadas em um discurso que frequentemente recorre a um viés biológico, utilizado para normatizar e controlar o corpo. Tais posicionamentos e argumentos têm ganhado força na conjuntura política, social e cultural contemporânea e tem buscado incansavelmente o retorno do conservadorismo e do fundamentalismo como base para condutas sociais em detrimento do acolhimento das diferenças.

Os relatos dos jovens colocam a família como um espaço de vivência do afeto e, ao mesmo tempo, como um espaço da experiência de dor, repressão e conflito quando o assunto gira em torno das vivências das feminilidades e masculinidades não hegemônicas, a exemplo do relato do jovem Guilherme citado anteriormente. Na família, religião e escola aprendem-se valores sociais legitimados em determinada cultura e sociedade que podem ser incorporados, negociados ou descontinuados pelos/pelas jovens.

A escola constitui-se como um dos principais agentes na desconstrução de preconceitos e tabus, podendo erigir fronteiras ou potencializar rupturas no projeto socializador das juventudes. Na escola estão presentes jovens advindos/as das mais diversas experiências sociais e culturais, com trajetórias singulares que sinalizam para diferentes marcadores sociais, sejam estes de gênero, de raça, de classe social, entre outros. Com isso, a escola deve potencializar através do acolhimento e do diálogo com as diferenças, processos educativos que proporcionem o questionamento das práticas discriminatórias, com relação ao gênero, ao invés de reforçá-las.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro, 2 ed. Editora Bertrand Brasil, 2002.

CONNELL, R. W., MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis. v. 21, n. 1. p. 424- XXX, jan/abr/, 2013.

DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, J. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

JOCA, A. M. **Levados por Anjos: modos de vida, educação e sexualidades juvenis**. 2 ed. Curitiba, 2016.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MACHADO, V.; SEFFNER, F. Florianópolis 1889/1930: estratégias de produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subordinadas. **Revista História** (São Paulo). 2013, vol.32, n.1, pp.354-376. Disponível em: <<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101->

[90742013000100019&script=sci_abstract&tlng=pt](#)>. Acesso em: 13jan2018.

MARCHI, R. de C.; SANTOS, T. R. Produção e conservação escolar da masculinidade no romance O Ateneu. **Revista Brasileira de Educação.**, v.22, n.68, p.35-60, 2017. Disponível em: >. Acesso em: 13.jan2018.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade.** v. 20, n 2, jul/dez, 1995, p.71-79. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view>>. Acesso em: 12nov2017.

SEFFNER, F. **Derivas da Masculinidade:** Representação, Identidade e Diferença no âmbito da masculinidade Bissexual. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SETTON, M. da G. J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social Revista de Sociologia da USP.** São Paulo, v.17, n.2, p.335-350, 2005. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702005000200015&script=sci_arttext >. Acesso em: 10jul2017.

SILVA, T.T. (org.). A produção social da identidade e da diferença. In: _____, **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes. p. 73-102. 2000.

Palavras - Chave: Juventudes, Masculinidades, Gênero e Educação.